



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br


Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **5 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, sexta-feira, 14 de janeiro de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO Indústria tem déficit recorde com o exterior	1
VEICULAÇÃO NACIONAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO DORA KRAMER	2
VEICULAÇÃO NACIONAL	
PORTUGAL DIGITAL Região Norte do Brasil liderou crescimento das exportações em 2010.....	4
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR BC retoma swap cambial reverso e leiloa US\$ 1 bi	5
VEICULAÇÃO NACIONAL	
MERCADO E EVENTOS Lufthansa Cargo inicia voos para Manaus no próximo dia 22.....	6
VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Indústria tem déficit recorde com o exterior		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Déficit da indústria atinge US\$ 37 bi

Resultado de 2010 está 125% acima do saldo negativo obtido em 2009 e assusta especialistas porque evidencia desindustrialização

Raquel Landim

O setor industrial registrou o pior rombo da sua história nas trocas com o exterior. No ano passado, o déficit da indústria da transformação (que converte as matérias-primas em insumos e produtos acabados) atingiu o recorde de US\$ 37 bilhões, 125% acima do saldo negativo obtido em 2009. O resultado assusta os especialistas e revigora os temores de desindustrialização no País.

O cálculo foi feito pela Secretaria de **Desenvolvimento** da **Produção**, do **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior**, e obtido com exclusividade pelo Estado. Se forem excluídos itens com pouco grau de transformação como aço, açúcar ou celulose e considerados apenas os produtos manufaturados, o déficit atingiu US\$ 70,9 bilhões em 2010.

De acordo com os especialistas, o rombo da indústria é uma consequência da crise global e do forte crescimento da economia brasileira. Com dificuldades para se recuperar da pior turbulência desde a década de 30 e com capacidade ociosa, os países ricos reforçaram o esforço **exportador**. O **Brasil** se tornou um alvo preferencial, graças à expansão do **mercado** doméstico.

As **importações** de produtos industriais aumentaram 40% em 2010, para US\$ 143,2 bilhões. As **exportações** da indústria brasileira se recuperaram da crise, mas cresceram menos: 23,5%, para US\$ 106,3 bilhões.

O câmbio valorizado também ajuda a baratear os produtos **importados** e a reduzir a competitividade da indústria local. O real forte é resultado das altas taxas de juros locais, que atraem capitais externos, mas também da política de expansão monetária dos Estados Unidos, que

provoca uma desvalorização do **dólar** em relação a várias moedas.

Consequências. De acordo com o diretor do Instituto de Economia da Unicamp, Mariano Laplane, o agravamento do déficit da indústria traz efeitos indesejáveis, como demissões, menos arrecadação e redução do superávit comercial. Também acelera a desindustrialização, que é a perda de espaço da indústria no Produto Interno Bruto (**PIB**).

Graças às perdas da indústria, o saldo da balança comercial brasileira encolheu do recorde de US\$ 46 bilhões em 2007 para US\$ 20 bilhões no ano passado. O resultado positivo foi garantido pelo bom desempenho do agronegócio.

"Uma consequência que não é tão evidente, mas é mais grave no longo prazo são as oportunidades perdidas. Hoje temos um **mercado** doméstico em forte expansão, mas que está promovendo o crescimento da **produção** em outros países. Se for pontual, não é uma tragédia. O problema é se o fenômeno se tornar estrutural", diz Laplane.

A tese de desindustrialização da economia brasileira, no entanto, não é consenso entre os economistas. Para Bernardo Wjuniski, da Tendências Consultoria Integrada, não há desindustrialização no País porque os setores estão trabalhando próximos às máximas históricas de capacidade instalada.

"A **produção** não caiu. Estagnou em patamares elevados. A competição internacional dificulta a vida dos empresários, mas não é tão estrutural assim", disse o economista. "A **produção** industrial não cresce mais porque ainda não maturaram os investimentos necessários". Ele ressalta ainda que a influência do resultado da indústria no déficit em transações correntes do País é pequena.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO DORA KRAMER		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Dora Kramer - O Estado de S.Paulo

A presidente Dilma Rousseff faz hoje sua primeira reunião ministerial e, como tudo neste início de governo é naturalmente visto sob a ótica do cotejo com a administração anterior, poderá marcar (ou não) mais uma diferença de estilo.

Ela dirá quais são as regras do seu jogo.

Na primeira metade do primeiro mandato de Lula, ainda sob o comando de José Dirceu, houve várias reuniões ministeriais que eram caracterizadas como grandes eventos onde se estabeleciam metas que eram manchete de jornal.

Na reunião seguinte, de novo falava-se em metas sem a cobrança nem o resultado das anteriores. Logo ficou claro que tais encontros tinham o único objetivo de ocupar espaço nos meios de comunicação.

Tanto é que, quando começaram os escândalos, cessaram as reuniões periódicas. Se Dilma reunirá ministros à brinca ou à vera é algo que se confere em pouco tempo.

Um bom parâmetro será o Conselho de Gestão e Competitividade. Pode atuar para valer ou pode ter o destino do Conselho de **Desenvolvimento** Social e Econômico. Recebido como uma grande novidade, digna de cobertura nobre pelos meios de comunicação, o que se viu na realidade é que o chamado "conselhão" não serviu para coisa alguma e perdeu importância.

A antecipação, ontem, de pontos a ser abordados por ela na abertura da reunião de hoje e, sobretudo, a reserva que se impôs desde a posse trazem boas notícias.

Consta que Dilma será bem objetiva: determinará corte de gastos com custeio a toda a administração; informará que nas agências reguladoras não serão

aceitas indicações políticas para os cargos vagos e para a substituição dos mandatos a serem concluídos.

Anunciará que os cargos de segundo escalão poderão ser preenchidos pelos partidos, mas avisará que cada um ficará responsável pelo desempenho do respectivo indicado e mais uma vez afirmará seu compromisso com a ética.

Não obstante óbvio diante dos desmandos em vigor até 31 de dezembro último, o rol das providências é bom.

O cardápio, porém, deixa à vista uma evidência: se for mesmo para valer, significa que Dilma Rousseff não teve a influência no governo anterior apregoada durante a campanha eleitoral, já que faz tudo diferente.

Falava-se dela como se fosse a verdadeira alma do governo, a inspiradora de todas as decisões. Vê-se agora que isso não era verdade. Ou, então, essas primeiras decisões têm peso relativo na perspectiva daquilo que realmente será posto em prática.

Uma terceira hipótese: discordava dos gastos a rodo, da opção preferencial pelo aprofundamento do fisiologismo e do menosprezo ao mérito e à ética, mas calou para não desagradar ao chefe.

Liturgia. Um acerto a ida de Dilma ao Rio, sua presença ao lado do governador Sérgio Cabral na entrevista sobre a tragédia das chuvas e a breve mensagem de solidariedade às vítimas.

Prova de que pode se sair muito melhor o governante obediente ao regulamento que o que não ouve ninguém a não ser o próprio instinto.


Titularidade. É uma idiosincrasia vã essa exigência de Dilma de ser chamada de "presidenta". Isso se for mesmo exigência dela e não invenção de marqueteiro.

Não foi por implicância que a imprensa decidiu tratá-la por "presidente": é o originalmente correto - o termo "presidenta" foi incorporado ao idioma por dicionaristas -, soa muito melhor e segue a regra de substantivos usados para os dois gêneros.

Mesmo auxiliares da presidente têm alguma dificuldade de se referir a ela segundo a nova norma. Sem contar que é constrangedor ver gente adulta tentando se adaptar só para agradar ao poder.

No lugar de tentar impor a regra, mais adequado seria o governo se adequar à prática idiomática comum no País. Inclusive porque não é isso o que fará a afirmação feminina, muito menos determinará o sucesso ou fracasso da primeira mulher presidente do Brasil.

Bom senso é como caldo de galinha: mal não faz.

	VEÍCULO PORTUGAL DIGITAL	EDITORIA	
	TÍTULO Região Norte do <u>Brasil</u> liderou crescimento das <u>exportações</u> em 2010		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

As exportações da Região Norte passaram de US\$ 10,11 bilhões em 2009 para US\$ 15,11 bilhões no ano passado, crescimento de 49,44%.

Da Redação

Brasília – Apesar de o Sudeste continuar a liderar as exportações do país, o Norte foi a região que mais ampliou as vendas externas em 2010, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

As exportações da Região Norte passaram de US\$ 10,11 bilhões em 2009 para US\$ 15,11 bilhões no ano passado, crescimento de 49,44%.

Mesmo com esse desempenho, as exportações do Norte representaram apenas 7,48% das vendas externas brasileiras. A maior participação foi do Sudeste, que respondeu por 57,20% das exportações e fechou o ano com US\$ 115,49 bilhões, alta de 40,97% em relação a 2009.

Com 36,6% de aumento, as vendas externas do Nordeste atingiram US\$ 15,867 bilhões em 2010 (7,86% dos embarques). No Sul, as exportações subiram 12,94% e encerraram o ano em US\$ 37,14 bilhões (18,39% de participação). O Centro-Oeste teve crescimento de 10,64%, atingindo US\$ 15,61 bilhões e participação de 7,86%.

Em relação às importações, o Nordeste registrou o maior crescimento, 61,98%, com compras de US\$ 17,487 bilhões. Em segundo lugar, ficou a Região Norte, onde as importações aumentaram 57,67% e fecharam o ano em US\$ 12,738 bilhões.

No ano passado, as exportações brasileiras somaram US\$ 201,92 bilhões, o maior valor da história. As importações, no entanto, também bateram recorde e totalizaram US\$ 181,64 bilhões, o que fez a balança comercial registrar o menor superávit em oito anos: US\$ 20,27 bilhões.

Por regiões, os maiores resultados positivos ocorreram no Sudeste (US\$ 13,497 bilhões), seguidos pelo Centro-Oeste (US\$ 5,494 bilhões) e pelo Norte (US\$ 2,372 bilhões). O Sul e o Nordeste fecharam o ano com déficits de US\$ 2,067 bilhões e US\$ 1,619 bilhões, respectivamente.

Na divisão por estados, São Paulo liderou as exportações, com US\$ 52,29 bilhões, seguido por Minas Gerais (US\$ 31,22 bilhões) e Rio de Janeiro (US\$ 20,02 bilhões). À exceção de Piauí (-22,86%) e Roraima (-8,27%), as demais unidades da federação registraram crescimento nas vendas externas. Os estados que mais importaram foram São Paulo (US\$ 67,77 bilhões), Rio de Janeiro (US\$ 16,66 bilhões) e Paraná (US\$ 13,953 bilhões).

Com US\$ 9,73 bilhões em exportações, principalmente de petróleo, Angra dos Reis (RJ) foi o município que mais exportou. Em segundo lugar, ficou Parauapebas (PA), sede da mineradora Vale, com US\$ 7,89 bilhões. São Paulo aparece em terceiro, com US\$ 6,284 bilhões. A capital paulista também liderou as importações, com US\$ 14,142 bilhões, acompanhada de Manaus, sede da Zona Franca (US\$ 11,00 bilhões), e do Rio de Janeiro (US\$ 7,15 bilhões).

Dos 5.564 municípios brasileiros, pouco mais de 40% (2.361) realizaram operações de comércio exterior no ano passado.

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO BC retoma swap cambial reverso e leiloa US\$ 1 bi		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Na segunda ação em menos de uma semana para tentar conter a apreciação do real frente ao dólar, o Banco Central (BC) retoma hoje os leilões de contrato de swap cambial reverso, que não realizava desde maio de 2009. Serão ofertados até 20 mil contratos, a US\$ 50 mil cada, com três vencimentos diferentes. No total, serão vendidos US\$ 1 bilhão. Com a operação, que equivale a uma compra de dólares no mercado futuro, o BC oferece liquidez às instituições que queiram reduzir posições vendidas em dólares.

BC tenta conter queda do dólar com leilões de US\$ 1 bi de swap reverso

Fernando Travaglini | De Brasília

Na segunda ação em menos de uma semana para tentar conter a apreciação do real frente ao dólar, o Banco Central (BC) retoma hoje os leilões de contrato de swap cambial reverso. A autoridade monetária realizou ontem pesquisa com os bancos que operaram no mercado de câmbio (dealers) logo após o fechamento do mercado e confirmou que as instituições têm interesse na volta do instrumento. Serão ofertados até 20 mil contratos, a US\$ 50 mil cada, com três vencimentos diferentes. No total, serão vendidos US\$ 1 bilhão.

Desde maio de 2009 que o BC não realizava leilões de swap reverso. Em julho de 2010, a autoridade monetária chegou a fazer uma consulta sobre os leilões, mas eles não aconteceram.

Com a operação, que equivale a uma compra de dólares no mercado futuro pela autoridade monetária, o BC oferece liquidez no mercado futuro às instituições que queiram reduzir suas posições vendidas em dólares na BM&FBovespa. O Banco Central assume a variação cambial e paga aos bancos a remuneração da Selic.

A volta dos leilões de swap reverso, instrumento criado em 2005, acontece na sequência de mais uma queda do dólar. A moeda encerrou o pregão de ontem com queda de 0,47%, a R\$ 1,667 na compra e a R\$ 1,669 na venda. O governo reforça, portanto, a visão de que esse patamar seria um piso informal para o câmbio.

A decisão do BC pode ser vista como complemento da medida anunciada na semana passada de criação do recolhimento compulsório para as posições vendidas dos bancos. Além disso, a atuação no mercado futuro é uma forma de o BC reduzir o aumento do cupom cambial, diferencial entre a taxa de juros em dólar no mercado externo e interno, que aumentou depois da criação do recolhimento compulsório. A medida da semana passada obriga os bancos a comprar dólares no mercado à vista para evitar o recolhimento compulsório. Mas como as instituições financeiras operam sempre de forma casada, para desmontar as operações no spot elas são obrigadas a se desfazer dos contratos futuros. Essa liquidez será oferecida pela autoridade monetária por meio do swap reverso.

O movimento de desmonte das posições vendidas começou no fim da semana passada, logo na sequência da criação do compulsório. Na quinta-feira e na sexta-feira os bancos ficaram com cerca de US\$ 2,5 bilhões dos mais de US\$ 4 bilhões em moeda americana que entrou no país nesses dois dias.

A volta do swap foi autorizada por decisão de ontem do Conselho Monetário Nacional (CMN). O swap reverso é usado tradicionalmente pelo BC quando há pouca liquidez no mercado à vista. Sem fluxo de divisas, as compras no mercado à vista pelo BC perdem sentido e só alimentam as posições vendidas dos bancos, sem impacto na cotação do dólar. Essa situação ocorreu, por exemplo, no meio do ano passado. A autoridade monetária chegou a consultar os dealers sobre o interesse na volta do instrumento. Mas logo na sequência ocorreu a oferta de ações da Petrobras, em setembro, que inundou o mercado com moeda americana e diminuiu o interesse pelo swap reverso. Ao longo do ano passado, o BC comprou cerca de US\$ 41 bilhões no mercado à vista, acima do fluxo, que foi de US\$ 26 bilhões. A diferença, de US\$ 17 bilhões, é justamente a posição vendida dos bancos no mercado à vista.



VEÍCULO MERCADO E EVENTOS	EDITORIA	
TÍTULO Lufthansa Cargo inicia voos para <u>Manaus</u> no próximo dia 22		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

A Lufthansa Cargo inicia no próximo dia 22 os voos Frankfurt – Manaus. Serão dois voos por semana com uma aeronave MD11F, saindo de Frankfurt, na Alemanha, às segundas e quintas. O voo Manaus – Frankfurt partirá às terças e sábados, com escalas em Quito, no Equador, e Bogotá, na Colômbia.

Para anunciar a nova rota a empresa realiza uma coletiva de imprensa na próxima quinta-feira (20/01). Estarão presentes Daniel Bleckmann, diretor regional da Lufthansa Cargo para América do Sul Caribe e Flórida, Cleverton Vighy, gerente regional Brasil, e Eduardo Faria, Analista de Vendas e Marketing para América do Sul Caribe e Flórida.

O evento acontece na sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus e contará também com a presença de Oreni Braga, presidente da Amazonastur.